

POEMAS

Antonio Fernando Borges

Felicidade parece por certo
uma poltrona velha, gorda,
as varizes de cupim lambendo as pernas
onde verás menos verniz
que silêncio.
ah, sim, o coração:
as molas fazem de coração, na dor com ritmo,
e há remendos na pança, repara, na pança
farta de tudo que um dia foi luxo
e um dia foi carne,
corpo, festa, compromisso.
onde já não pousam reis,
nem a bunda inflexível do Pai:
uma simples poltrona,
farta e salva da enchente.
mas como parece faminta,
e como nos devora, como a um fruto
de poucas sementes,
se acaso nos sentamos.
repara.

O pior numa guerra é não haver garçons,
alguém só luvas, saís, bandejas,
conferindo as manchas vermelhas na toalha
e a carne que tomba em dasalinho
destemperada e nossa.
alguém que ponha a extrema violência
em pratos limpos, e nos traga
ração e palitos para sustentar o riso sem vestígios
e a trégua livre de espinhas ou sonetos.
é não haver quem nos fatie
verdade e coragem,
e a merecida esperança na justiça inimiga.
que faça afinal as contas
de boas maneiras, corretas a olho nu.
é tempo de guerra, Clarice, mais que de morangos,
sem ninguém que nos sirva a dose sob medida
à nossa fome da sobremesa alheia, engordando sempre
que as guerras (re) começam.

Quem haveria de dizer que a vida é isso?
a casa enxuta, a cama sem uma gota, a mesa,
circular,
posta para nada: uma garrafa de ódios, copos,
velhas vozes e adeus letra por letra.
e é, quem diria?, a dor por hábito,
a guerra por costume,
o coração feito caixa de vidro por prazer.
os dias na esperança de um só,
para que o Paraíso — penúltima estação —
prepare ao que já não é nem mesmo horror,
mas só um cenário árido:
a casa enxuta, circular,
a porta que já não é mais do que um vão
que já nem lembra a escada afinal
por onde se desce
e se deita, para a pesca em seco no escuro
do silêncio do início.
quem haveria de dizer que a morte é isso?

Na forma, não só na aparência, o amor é chocolate:
também se faz de minúcias, também se amassa e se coze,
também se tritura. do grão, amargo, moldam-se maravilhas!
e é incrível que dê em bocados, pingos, delícias, e até
(para quem não teima em detalhes)
se envolva de um jeito vermelho e tão coração, e até pareça
tão doce, na boca derretida.